

PRÓLOGO

FUJAM TODOS DAQUI!

O metralhador conhecido por *Murça* já ouviu e presenciou histórias inacreditáveis sobre capacetes de aço rachados por estilhaços e perfurados por balas. Sabe bem que, ao penetrar na chapa, o projétil faz apenas um buraquinho minúsculo. Rigorosamente redondo e sem arestas, não chega a ter o diâmetro de uma moeda de tostão. Um homem até se interroga como se pode morrer de coisa tão pequena. Mas quando olha para o lado oposto, vendo no aço dilacerado um buracão, de bordas invertidas e irregulares, nem quer imaginar como aquilo estraçalha uma pessoa por dentro.

Há muito que leva a sério essas histórias e as instruções dos seus superiores para manter a cabeça baixa quando está debaixo de fogo. Agora, com os *rebuçados* a zumbirem-lhe estridentemente a poucos palmos dos ouvidos, como enxames de vespas enfurecidas, não ousa levantá-la. Nunca sabe quando um o pode atingir. A vida ou morte numa trincheira são categorias tão aleatórias que não tem como entendê-las. Ainda de manhã, quando marchavam em direcção a Huit Maisons sob um fogo diabólico que fazia tudo andar aos tombos, viu o seu melhor amigo desfeito pela explosão de um morteiro. Não que o *Malha Vacas* tivesse facilitado. Atiraram-se ambos ao chão. O outro ficou feito em pedaços, enquanto ele se levantou sem um arranhão.

Há quem diga que sobreviver ali é obra do acaso. Apesar de preferir acreditar em milagres, Aníbal Augusto Milhais mantém-se,

pelo sim pelo não, bem encostado ao parapeito e não se atreve a levantar a cabeça. Ergue-a apenas o suficiente para perceber quando é que os alemães, também eles encolhidos, uns 200 metros mais adiante, vão sair do seu próprio abrigo e atacar. Enquanto não o fazem, maceram a posição luso-britânica à morteirada, com fogo de artilharia e de metralhadoras.

A terra agita-se, estremece a cada explosão, convulsiona-se e levanta-se no ar, levando consigo pedaços das passadeiras e escomentamentos de madeira. Milhares de estilhaços voam na barulheira infernal. Cada palavra tem de ser berrada para se tornar audível. O tenente aproxima-se e tenta fazer-se ouvir. *Murça* finge que não é com ele e às ordens de retirada gritadas responde também aos berros:

– Fugam todos daqui. Eu fico a cobrir!

Os *boches* estão muito perto. Se pudesse levantar a cabeça só um pouquinho mais, *Murça* conseguiria seguramente ver-lhes o branco dos olhos e enfiar-lhes um balázio da sua Lewis, bem no centro da testa. Mas é demasiado arriscado. Também eles têm bons atiradores.

O inimigo acaba de tomar o posto de Les Marais Este, já ataca Les Marais Sul e concentra-se em Bout Delville, a poucas centenas de metros. O oficial insiste na urgência de sair rapidamente.

As *Stosstruppen* (tropas de assalto) do *Kaiser* esboçam uma manobra envolvente à qual o reduto de Huit Maisons só escaparia se tivesse apoio da artilharia que há várias horas se mantém incontactável. Para complicar, a aviação inimiga já sobrevoou a posição, dando aos seus artilheiros indicações para a regulação de tiro. O bombardeamento intensifica-se e torna-se mais certo. Causa baixas. Com as munições a escassear, a situação deste núcleo de resistência luso-britânica, comandado pelo major britânico Ralph Furse, dos *King Edward's Horses*, está insustentável.

Ocupando uma pequena elevação, a posição é batida desde a manhã pelos alemães, que nesta terça-feira, 9 de Abril de 1918,

romperam as primeiras linhas guarnecidas pelo Corpo Expedicionário Português (CEP) na Frente Ocidental.

A guerra transformou Huit Maisons, um lugarejo de oito casas, num dos postos fortificados da principal linha de defesa do sector português. Composta por várias posições idênticas, a chamada «Linha do Corpo» é uma malha de fortificações circundadas por arame farpado e dotadas de casamatas de cimento, parapeitos protegidos por sacos de areia e nichos de metralhadora bem entrincheirados.

Uma primeira tentativa de assalto é repelida pelo fogo de metralhadoras ligeiras portuguesas, inglesas e escocesas. Mas os alemães rapidamente se reorganizam, começando a trabalhar em torno de ambos os flancos. Pela uma da tarde são novamente escoraçados, depois de penetrarem nas trincheiras aliadas, contornando o flanco direito, usando, para isso, a cobertura de umas sebes e pomares.

Serão umas quatro e meia quando o major Furse decide não arriscar o cerco e dá ordens às tropas luso-britânicas para retirarem em pequenos grupos e reagruparem uns dois quilómetros mais à retaguarda, em La Fosse, e aí se integrarem na força que vai resistir ao avanço alemão.

O tenente Augusto Fontes, que chegara horas antes no comando de dois pelotões da 4.ª Companhia do Batalhão de Infantaria 15, transmite as ordens aos seus subordinados. Mas *Murça* está inabalável e teima.

- Fugam todos daqui que eu cubro a retirada.
- Estás a desobedecer. Ainda vais a Conselho de Guerra.

Ameaçado com tribunal militar? Logo ele, Aníbal Augusto Milhais, que desde a recruta adopta como lema o pregão de caserna «As ordens militares ouvem-se em sentido e cumprem-se em passo de corrida»?

Só pode ser um subterfúgio, uma forma airosa de um superior hierárquico não perder a face perante um subordinado teimoso. O oficial sabe tão bem como ele que a retirada só será bem sucedida se alguém ficar para trás a arriscar o coiro para empatar os *boches* durante mais uns instantes.

Ele fica. E para a posteridade há-de ficar escrito, no registo oficial e seco da burocracia militar, que o rapaz franzino e de bigode farfalhado revelou naquela tarde «extraordinária bravura e coragem, efectuando o exemplo vivo de valentia e realizando voluntariamente a defesa do seu pelotão», conforme é referido no louvor que irá receber:

«Em Huit Maisons atacou com grande vigor o avanço do inimigo, não abandonando o posto senão quando portugueses e escoceses já tinham retirado, salvando alguns destes de caírem nas mãos do inimigo, pois protegeu a retirada de todos, manejando a sua metralhadora com valor, lealdade e mérito, indiferente à artilharia e metralhadoras inimigas.»

A desobediência não lhe valeu uma acusação perante as autoridades militares. Pelo contrário, fê-lo regressar à sua aldeia, Valongo, no concelho de Murça, como o soldado raso mais condecorado da Grande Guerra, ostentando no peito várias medalhas, entre elas a maior distinção a que qualquer militar pode aspirar: a Ordem de Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito.

O que o louvor de 15 de Julho de 1918 não explica é de onde lhe veio a determinação para ficar e arriscar-se pelos seus camaradas. Nem conta a história de um homem simples, que o povo genuinamente aclamará, durante décadas, como o seu herói, e será usado pela propaganda dos poderes do seu tempo quando for necessário exaltar as virtudes da nação e da «raça». E é essa a história que aqui se conta.